

XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

“PARA MUITOS TRABALHOS A GENTE PRECISA INVOCAR TAMBÉM A *LINHA ORIENTAL*”: observações sobre as representações de “Oriente” em religiões afro-brasileiras.

GT: “Orientalização da Religião e a Crise so Ocidente”

NORTON F. CORRÊA - UFMA

1999

“PARA MUITOS TRABALHOS A GENTE PRECISA INVOCAR TAMBÉM A LINHA ORIENTAL”: observações sobre as representações de “Oriente” em religiões afro-brasileiras.

Norton F. Corrêa

As várias modalidades religiosas afro-brasileiras compõem um *continuum*: em um dos extremos encontramos as expressões menos ocidentalizadas (Batuque, Candomblé, Xangô, Tambor de Mina Jêje ou Nagô), que em suas formas mais ortodoxas cultuam apenas os deuses de origem africana - os orixás, voduns - e os eguns ou espíritos dos mortos - invocados através de tambores rituais e aos quais é oferecido o sacrifício de animais. No outro extremo temos a “Umbanda Branca”, cujas divindades são os “caboclos” (espíritos de índios brasileiros), “pretos-velhos” (espíritos de negros africanos ou brasileiros) e certos orixás. Nenhum é invocado através de tambores e nem se lhes oferece sangue. No segmento mais central do continuum situa-se a “Linha Cruzada”, também chamada de “Quimbanda”, “Macumba”, que faz culto a todas as entidades das duas primeiras, além de Exu e Pombagira, tanto utilizando tambores quanto o sangue animal. Na prática, cada templo, em particular, de acordo com as concepções pessoais de seu dirigente, pode ser entendido como situado em determinada posição no continuum. De todas essas modalidades, a Linha Cruzada é a que dispõe de mais templos - cerca de 85% - e maior número de adeptos, enquanto que a Umbanda Branca, a que tem menos, conta com apenas 5% das casas de culto e o menor índice de seguidores.

Se considerarmos o espectro religioso mais amplo da sociedade brasileira, veremos que a Umbanda Branca, graças às inúmeras similaridades que guarda quanto ao Espiritismo kardecista, deve ser situada junto a ele. As semelhanças entre ambos existem na medida em que, historicamente, significativos aspectos do Espiritismo vão ser assimilados pela Umbanda Branca em seu surgimento e desenvolvimento.

KARDECISMO E UMBANDA

No Kardecismo, por exemplo, graças à teoria da reencarnação, cada espírito reencarna continuamente em humanos, sendo a vida destes na Terra apenas um momento na rota de evolução daquele. O espírito, o responsável pelos atos do indivíduo, tem livre arbítrio para escolher a vida que prefere, o que resultará em adquirir, após a morte do corpo que ocupa, maior ou menor grau de evolução. O grau de evolução de um espírito é medido pela “luz” que possui: se muito adiantado na escala, é um “espírito de luz”; se pouco evoluído, “obscuro”. Um sistema de sanções e recompensas - a teoria do “karma” - garante que os atos cometidos pela pessoa, bons ou ruins, terão como contrapartida o fato de que o mesmo espírito experimentará situações opostas numa nova vida terrena: se praticou atos negativos na vida passada, terá de pagá-los na atual, encarnando em um humano que muito sofrerá - pobre, doente, cercado de infelicidades. Pelo contrário, se forem positivos - e a prática da caridade é elemento fundamental para tanto - encarnará em alguém com boa situação existencial.

A proximidade estreita com o Kardecismo permitiu à Umbanda Branca a assimilação de certos aspectos, como o arcabouço teológico espírita, com sua perspectiva evolucionista, a ênfase na importância da caridade para promover o desenvolvimento espiritual do indivíduo (Camargo, 1971; Negrão, 1998). Caboclos e orixás, assim, são percebidos como “espíritos de luz”, os exus aparecendo, na escala hierárquica da espiritualidade, como espíritos inferiores, abaixo deles estando as almas errantes, os “quiumbas”, cujas “vibrações” são de ínfima frequência. Estes causam profundo mal aos humanos - doença e inclusive morte - na medida em que neles se “encostam” para absorver sua vitalidade. Tal como na doutrina de Allan Kardek, todos são chamados ao mundo terreno para que os mais evoluídos espiritualmente doutrinem os demais afim de que estes se conscientizem de sua situação e, praticando a caridade, possam acelerar seu próprio processo de evolutivo.

Algo que pontifica na doutrina espírita, igualmente assimilado pela Umbanda Branca, é a presença de certos elementos - concepções, expressões - como a teoria da reencarnação, “astral” ou os termos “karma”, “chakra”, “Kundalini”, buscados no Brahmanismo e Hinduísmo, isto é, no *Oriente*.

OS DOIS ORIENTES

Pode-se dizer que existe mais de um Oriente: os delimitados geograficamente (ou geopoliticamente, se quisermos), como o Oriente-Próximo, o Médio e o Extremo; e o outro, o “Oriente”, um espaço e plano francamente míticos, e que por isso ignora totalmente os orientes concretos, seja o palco dos constantes conflitos árabe-israelenses, das guerras de independência de províncias da Índia, da miséria de Bangladesh. Onde ficaria esse *Oriente*? Se examinarmos suas representações veremos que se estenderia do Oriente Médio ao Extremo, a Índia (mas igualmente mítica) despontando esta como o local mais carregado de significado simbólico, hoje.

A literatura, a arte e mais ultimamente os meios de comunicação de massa, têm desempenhado papel importante no processo de construção e divulgação de um imaginário extremamente rico e complexo sobre este território, onde o maravilhoso, o exótico e o misterioso não apenas se interpenetram e convivem harmoniosamente, como são entendidos como fazendo parte inerente e natural do cotidiano. Se assemelharia com as representações sobre “a África” expressas por significativos segmentos dos movimentos negros e a praticamente generalidade das religiões afro-brasileiras.

O processo que poderia ser chamado de orientalização do Ocidente não é novo: reflexos dele podem ser detectados, aflorando aqui e ali, ao longo do tempo, numa sucessão desordenada em termos de tempo cronológico e origem geográfica, o que poderia ter contribuído para construção

deste território contínuo, indiferenciado e atemporal. Os primeiros subsídios talvez tenham surgido com o comércio de produtos do Extremo-Oriente para a Europa, que incrementou-se através de caravanas árabes que faziam esse percurso. No lombo dos camelos vinham as mercadorias, e na boca dos caravaneiros as notícias e os relatos, ambos atiçando não só a cobiça como a curiosidade. Os registros das viagens de Marco Polo, muito divulgados e conhecidos em sua época, seguramente jogaram muita lenha nesta fogueira, falando de riquezas extraordinárias, povos, animais, lugares, coisas, acontecimentos, os mais exóticos e espantosos. É bem possível que a denominação “as Índias”, com toda a sua carga de significado, tivesse surgido por essa época. Não podemos esquecer, neste fluir de subsídios, do papel fundamental da Bíblia, cujos acontecimentos desenrolam-se em locais bem identificados e nominados do Oriente-Médio e determinaram, ao nível da cultura popular e já em Portugal, manifestações religiosas como os autos de Natal, em que os Três Reis são *magos* (isto é, mágicos) e originários do *Oriente*. Ou de “As mil e uma noites”, que em suas muitas e antigas publicações também irrigaram a imaginação ocidental, diretamente ou inspirando a criação de outros tantos contos, livros, e mais recentemente filmes. A propósito, em um filme dos anos 50 (“O ladrão de Bagdá?”), calcado nestes contos, o protagonista principal aparecia voando num tapete mágico. Aladim possuía uma lâmpada *maravilhosa* habitada por um gênio que providenciava a realização dos desejos que acaso ocorressem a seu dono. Quanto à “Índia”, lembro-me de um romance de aventuras, lido por considerável segmento da juventude dos anos 1950, cujo personagem viajava para Marte em uma nave impulsionada pela força do pensamento de uma corrente de “faquires”. Em outro, calcado no best-seller “Horizonte perdido”, um europeu alcançava o Tibet, e, numa comunidade monástica tibetana, além de presenciar maravilhas, se apaixona por uma linda jovem, que leva consigo na viagem de volta. Mas bastou efetuar a descida para que a moça rapidamente se transformasse no que realmente era, uma velha, perdendo sua juventude e beleza, conservadas ao longo de muitos anos pelas práticas dos monges e o clima do alto da montanha. Até em marchinhas de carnaval tais representações se projetaram, como uma que ouvia na infância: “Eu vi lá no Oriente uma serpente

surucucu, que andava toda assanhada com a flautinha do indu”. Nas décadas de 1960-70, às conhecidas publicações esotéricas da Madame Blavatsky sucedem as de Lobsang Rampa (“A terceira visão”), com imensa tiragem e com constantes reedições internacionais até hoje, mesmo depois de se tornar público que tal pseudônimo ocultava a figura de um alfaiate londrino que jamais pisara na Índia... É também à Índia e na mesma época, que vão os os arqui-famosos Beatles à procura de gurus, o que facilitou a vinda de várias dezenas de *maharishis* para o Ocidente, alguns adquirindo renome e clientela de nível mundial, o que provoca ainda maior popularização das visões de mundo que pregam. Em parte junto com esta onda, vem a moda alimentar “macrobiótica”, provocando o surgimento não só de um forte mercado de produtos como, nas grandes cidades, inúmeros restaurantes especializados. No elenco, ainda, publicações internacionais e de grande penetração, valendo citar a revista “Planeta”, cujo título já indica sua aspiração universalista; a “Yôga” (e assim é escrito), com outros milhares de academias, cursos etc., além da acupuntura, que começando como medicina alternativa, hoje conquistou terapeutas na medicina oficial e espaço em universidades de renome. Por fim, temos a “Nova Era”, com suas crenças, terapias e parafernália de pirâmides, florais, cristais, processos divinatórios.

O ORIENTE UMBANDISTA

É grande a influência do *Oriente* na quase totalidade das modalidades religiosas afro-brasileiras, porque as principais entidades consideradas *orientais* são percebidas como manifestações de exus e pombagiras; e estes, justamente cultuados pela grande maioria dos templos. Entre os considerados *orientais*, a Pombagira Cigana tem grande destaque, *baixando* regularmente em pessoas que lhe são consagradas. Outras entidades são Buda (seguidamente confundido com o Deus da Felicidade sino-japonês) e um indiano estereotipado - sentado ao chão, pernas cruzadas, pantufas, barbicha, turbante e colar com grandes pedras verdes. Salvo desinformação, porém, nem Buda nem o

indiano possuem *cavalos* que recebam-nos. O primeiro, ao que parece, exerce apenas o papel de “trazer” dinheiro ou felicidade para a casa de culto. E o segundo, atuar na feitiçaria. A força da crença nos *orientais* permitiu que seu culto se expandisse mesmo pelas religiões mais africanizadas do espectro.

Enfoco dois locais observados, Porto Alegre e São Luís do Maranhão.

Porto Alegre

O pai-de-santo Miguel do Xangô, membro de uma linhagem de chefes tão tradicionais como famosos, no Rio Grande do Sul, praticava apenas o Batuque “puro” (isto é, adotava apenas tal modalidade ritual) em seu templo. Um dia, em seu quarto de santo, observei, no altar, a figura do “indiano”. Quando lhe perguntei o porquê da presença desta, prontamente respondeu: “Porque para certos trabalhos a gente precisa invocar também a *linha oriental*”¹. Que outras entidades pertenceriam à linha, perguntei novamente? “Buda e os ciganos, mas os ciganos tu não vais ver nas casas de Batuque puro, só na (linha) Cruzada ou na Umbanda”, foi a resposta. Em outra casa porto-alegrense, a da velha e tradicionalíssima Mãe Mercedes da Iemanjá, encontrei uma imagem do Deus da Felicidade chinês, gordo, barrigudo, sorridente, e por isto confundido com Buda, tal como fazia a mãe-de-santo. À sua volta, 7 miniaturas idênticas. Inquirida, a chefe da casa afirmou que tinha o Buda porque trazia riqueza e felicidade, e os pequenos “trabalhavam para ele”. O Buda, como pude observar em outras casas “puras”, é figura recorrente, embora nem sempre no quarto-de-santo, tendo a mesma função que lhe atribuía a babaloa. Nas casas *cruzadas*, como a da Mãe Ieda do Ogum, há várias imagens tanto de Buda, como de indianos, ciganos e ciganas, sendo que para estes últimos promovem-se diversas solenidades litúrgicas anuais.

Adalberto Pernambuco Nogueira, o “Pernambuco”, aposentado do Banco do Brasil, curso superior, branco, bom nível de renda, é casado com Célia Santos, mantendo ambos em casa uma sala

esotérica onde atendem gratuitamente pessoas necessitadas de auxílio espiritual. Comentando sobre o que chama de “Linha do Oriente”, informa que conheceu-a por volta dos anos 1950, com um pai-de-santo local. Segundo informa, usavam música oriental nas sessões, invocavam Brahma, Shiva e Vishnu e só admitiam poucas pessoas, “para manter o bom nível da corrente”. A Linha Oriental, para ele, tem como chefe Oxalá e só trabalha com flores, perfume e mel, isto é elementos da Natureza. Entende que nada tem a ver com as proposições de Blavatsky, e sim “com o Zen, o Himalaia, o Budismo”. Atua, afirma, “com o campo kármico, regido por Xangô ou pelo povo do Oriente, que têm acesso ao livro kármico de cada pessoa”. Célia Santos informa que recebe uma entidade chamada de Brahmayana, cuja tradução, segundo ela é “o veículo de Brahma”.

A importância dos ciganos, mais especialmente das ciganas, bem maior que a dos demais do *Oriente*, traduz-se pela grande abundância de suas imagens nas lojas de artigos religiosos da capital gaúcha. Se as imagens de indianos são mais raras, por outro lado há grande variedade de artigos que referem a *Índia*: sabonetes, perfumes, pedras, folhas dessecadas para “banhos de descarga”, incensos, bem como considerável número de obras de autores populares que tratam do assunto.

São Luís

Em São Luís, as entidades orientais são principalmente os ciganos e os “turcos” (e secundariamente Buda), em determinados terreiros considerados como da mesma categoria espiritual. Nas lojas especializadas há bastante material religioso remetendo para a *Índia*. Encontrei o “banho indiana”, o “defumador indiano de descarga São Jorge”, e vários incensos: na caixa do “Incenso dialux indiano” há elementos que simbolizam o universo do *Oriente*: em primeiro plano há a estampa de um homem e uma mulher indianos estereotipados, com turbante e tiara, as pedras verdes. No centro, montanhas recobertas de floresta também verde rodeiam uma pirâmide de onde partem raios. Um sol vermelho por trás da pirâmide compõe o último plano. Alguns outros produtos foram o “Incenso

¹ Com isso incorporava um *plus* de poder místico ao seu capital religioso, uma das principais estratégias que

Sankirtana Charanavida”, “Visnupatni” e “Ramayana”, nos dois últimos constando um “made in India”. O proprietário de uma das lojas, inquirido sobre a praticamente ausência de imagens de *faquires* e budas em todas, respondeu que antes vendiam bastante, mas nos últimos tempos as solicitações de tais entidades se reduziram tanto que deixou de encomendá-las. Exibiu-me apenas um modelo de chaveiro de Buda. O dado leva a uma questão que poderia ser estudada: qual a relação entre a queda destes símbolos específicos e os rumos que a “Mina” está tomando?

O templo da mãe-de-santo Yolanda Mota, o “Centro Espírita Luz e Caridade”, exemplo de simultaneidade de religião umbandista e kardecista no mesmo espaço físico, também trabalha com a “Linha Oriental”. Com curso superior de Enfermagem e muitos anos trabalhando em hospitais, na casa da Mãe Yolanda há um espaço dedicado a Emmanuel, seu guia espiritual no Kardecismo e outro às entidades da Umbanda, que incluem os ciganos, Buda, “turcos” e um hindu, todos eles *orientais*. No discurso utiliza termos como “vibrações”, “corrente”, de origem no esoterismo teosófico; ao mesmo tempo, o verbo “desencarnar”, espírita. Os ciganos, para ela, compõem *troupes (sic)*, e vêm de vários lugares do Oriente. Não falam português, e sim, espanhol. Nas festas que promove para eles há instrumentos como as castanholas, pandeiro e banjo, ao som dos quais dançam divertidamente. “Eles (continua) são simpáticos, delicados, conversadores e principalmente as mulheres gostam de se vestir muito bem, com roupas bonitas, saias compridas, enfeitam-se muito, mas a gente se engana se pensa que por isto não são perigosos, porque são do *povo da Rua*” (exus). Os ciganos costumam saudar os astros - as estrelas, o Sol a Lua - além do mar e do céu, pois têm muito contato e familiaridade com este universo. Um dos seus símbolos preferidos é a estrela de Salomão. Entre as ciganas há princesas e mulheres bonitas que foram escravas. Alguns dos ciganos são da Índia e outros “do Oriente Médio”. Danusa Soares (1999), pesquisando no terreiro, transcreve versos que mostram que os ciganos eram piratas, as mulheres “feiticeiras” e quiromantes. Já Buda,” conforme a Mãe Yolanda, trabalha “no

tempo” (fora de casa), pois é do “campo santo” (cemitério)². Entre dois outros de seus guias estão os “turcos”: “Seu Guerreirinho”, cujo pai é “Seu Guerreiro de Alexandria” - o Rei da Turquia - e “Seu Tapindaré”, irmão deste último. Além dele, há um hindu que oculta sua verdadeira identidade espiritual sob o nome de Visconde Joaquim Andrade de Cascadura. Mencionou como fato importante em sua história de vida espiritual uma visita que fez ao Vale dos Orixás, em Brasília, dirigido pelo Caboclo Pena Branca, que de acordo com ela é igualmente da “Linha Oriental”. Os ciganos que observei em festas de outras casas de culto maranhenses assemelham-se aos descritos pela mãe-de-santo: são figuras estereotipadas, os homens com panos cobrindo a cabeça, colares. As mulheres apresentam-se com vestes muito luxuosas, saia rodada longa, profusão de adereços dourados, e seguidamente com um pandeiro sem membrana enfeitado de fitas. As entidades, a maioria afirmando-se fidalgos, mostram grande dignidade nos gestos e atitude, tratando os demais e os assistentes com grande cortesia. Entretanto, a atribuem-lhe a qualidade de guerreiros poderosos e agressivos, razão pela qual são muito invocados para a feitiçaria.

Mundicarmo Ferretti (1989; 1992; 1993), que tem interessante trabalho sobre os turcos, no Maranhão, assinala que entram no Tambor de Mina no final do século passado, em casas de culto dirigidas por africanos. Pouco tempo depois é fundado o Terreiro da Turquia, ligado a outro igualmente famoso e de onde saíram muitos cultuadores de turcos, o Terreiro do Egito. Representam, em sua maioria, personagens de uma obra literária muito popular e divulgada no Nordeste - *“História do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França”* -, personagens estes também presentes nos autos dos mouros e cristãos e cheganças, como Floripes, a princesa moura. A figura do Rei da Turquia (também chamado de Ferrabrás), teria surgido mais tarde, criada a partir da foto de um governante histórico talvez efetivamente turco, Mehmed Resat V, que viveu entre o final dos anos 1800 e início do 1900. Muitos turcos assumiram posteriormente a forma de caboclos e adquiriram parentesco com os voduns mina-jêje, razão pela qual podem manifestar-se em quaisquer tipos de ritual

² Por trabalhar no cemitério, junto com os espíritos dos mortos, está associado aos exus mais perigosos e

de mina (Ferretti, 1993: 181-229). Essa autora encontrou vários recortes de jornal com referências ao Oriente Médio .dentro do exemplar obtido por empréstimo a um integrante do culto (comunicação pessoal). O fato sem dúvida assinala o interesse que tal universo tem para os “mineiros”.

OS UMBANDISTAS BRANCOS - CARACTERÍSTICAS

Acima comentei que Umbanda Branca apresenta, estatisticamente, um percentual muito pequeno, em termos de templos e praticantes, se comparando com outras modalidades congêneres. Entretanto, seus adeptos típicos possuem três características especiais que os distinguem dos demais religiosos do continuum: primeira: sua escolarização média é consideravelmente alta, não sendo raras pessoas com curso superior. Segunda: têm poder aquisitivo consideravelmente maior do que seus colegas alheios à Umbanda Branca. E terceira, a grande maioria é branca, etnicamente falando.

Quanto às primeiras, grau de escolaridade e renda maiores vão lhes permitir acesso a livros seguidamente desconhecidos de seus colegas das outras modalidades. Com efeito, muitos umbandistas *brancos* costumam ser grandes consumidores de bibliografia, não apenas a que versa sobre a Umbanda, Espiritismo e produzida por espíritas e umbandistas, como também por estudiosos da Academia, especialmente antropólogos que estudam sua religião ou as congêneres; são comuns nessas bibliotecas, ainda, literatura tipo best-seller que de alguma forma aborda temas como o Egito, Atlântida, Índia etc., além das chamadas “espiritualistas”, como as do citado Rampa.

A segunda diz respeito à questão do status social: esses segmentos enquadram-se na classe média, o que resumidamente é sinônimo, nas representações coletivas do senso comum, de possuírem razoável nível de renda, bom índice de escolaridade e intelectualidade, cor branca, ligados ao Catolicismo. O praticante da Umbanda Branca, ao mesmo tempo que tem consciência de que comunga efetivamente de alguns destes indicadores (ou aspira a tanto), sabe, por outro lado, que

pratica um credo estigmatizado, entendido, ainda hoje, como “religiões de negro”, “bárbaras”, “primitivas”, “praticantes do mal”, da feitiçaria. A tentativa de desvencilhar-se do estigma, como observam Ortiz (1991), Negrão e Concone (1985), Negrão (1996), Corrêa (1998), passou, historicamente, por várias estratégias e longos e continuados esforços no sentido de “branquear” as religiões *negras*, buscando a eliminação de suas características africanas, como o uso de tambores rituais e os sacrifícios de sangue. Poderia se acrescentar, ainda, a atitude de manter ostensiva e constantemente um discurso acusatório contra as que cumprem tais práticas. DA mesma forma, o ato de apresentar sistematicamente a Umbanda não só como “científica”, mas com raízes mais fundas do que na África: no “Oriente” - Egito e Índia, em especial. Lembro, a propósito, de um comentário que ouvi de Moab Caldas, grande líder umbandista gaúcho, quanto à Parapsicologia, na época muito divulgada pelo padre Quevedo e o então frei Boaventura Kloppenburg, para combater o Espiritismo. Ele me dizia: “Este história de parapsicologia, que agora os padres estão dizendo que é uma ciência nova, para nós é coisa velha, a Umbanda já pratica a milênios: é o poder da mente, a transmissão do pensamento... Os antigos egípcios praticavam, na Índia continuam praticando. Por isto é que nós dizemos que a Umbanda tem fundamento na ciência”.

O ORIENTE E OS INTELLECTUAIS ORGÂNICOS DA UMBANDA BRANCA

Fator muito importante nesse processo de assimilação da novidade por parte da massa de fiéis é a presença de intelectuais orgânicos da religião, papel representado principalmente pelos chefes de federações, como Trindade (1985) e Negrão (1996) observaram em São Paulo.

Parece haver um perfil recorrente, quanto a tais intelectuais. Quase todos são brancos, dispõem de considerável grau de escolarização, poder aquisitivo significativamente maior do que o de seus liderados, constituem-se leitores ávidos de obras bibliográficas de algum modo relacionadas a

estas religiões. Tais características lhes conferem a condição de formadores de opinião, pois facilitam a eles o acesso à mídia falada e escrita, e portanto a possibilidade de influenciar outrem.

Conheci dois deles, em Porto Alegre, Moab Caldas, hoje falecido, e o mesmo Pernambuco, figuras extrema e unanimemente admiradas, estimadas e respeitadas pelos religiosos afro-brasileiros do Rio Grande do Sul. O discurso de ambos calcava-se na perspectiva do *Oriente*.

Caldas, branco, foi eleito deputado federal por um partido considerado de esquerda, na década de 1960, com cerca de 400 mil votos de filiados e simpatizantes das religiões *afro*, votação verdadeiramente extraordinária para qualquer deputado federal, quanto mais se considerarmos a época. Intelectual ativo, produziu, durante muitos anos, vários programas de rádio de grande audiência, assim como uma coluna semanal (“Umbanda”) no jornal de maior circulação, no Sul, “Zero Hora”, voltados para os praticantes das religiões afro-gaúchas. Seu discurso era calcado francamente na chamada “Umbanda esotérica”, isto é, a que se orienta pelos princípios kardecistas e teosóficos.

O Pernambuco dirige, desde muitos anos, a CEUCAB (Conselho Estadual de Umbanda e Cultos Afro-brasileiros, antigamente “União de Umbanda do RGS”). Goza de grande trânsito entre políticos locais, incluindo-se longa sucessão de prefeitos de Porto Alegre e governadores do Estado. Nos últimos tempos tem contado amplamente com o apoio destes para organizar congressos anuais especializados, de considerável repercussão na imprensa, que reúnem não somente expoentes nacionais da Umbanda, como autores acadêmicos, brasileiros e estrangeiros, dedicados ao estudo das religiões afro-brasileiras. Branco, como Caldas, mantém uma biblioteca extremamente atualizada de obras sobre religião, especialmente as afro-brasileiras, onde podem ser encontradas as de Nina Rodrigues, de antropólogos brasileiros da atualidade, espiritualistas de várias orientações e qualificação, como as de Madame Blavatski, Dirige um jornal especializado cuja linha editorial segue as idéias de seu diretor, e onde publica colunas e artigos que alinham-se com a Umbanda esotérica.

CONCLUSÃO

O universo simbólico relativo ao *Oriente* está disseminado, hoje, no corpo social brasileiro como um todo, presente nos meios de comunicação de massa e no discurso de amplos segmentos da população³, mas mais especialmente no universo religioso afro-brasileiro.

É praticamente generalizada, mesmo entre integrantes de templos afro-brasileiros tidos como mais ortodoxos, a existência de representações relacionadas ao que denominam de “Linha Oriental”, o que inclui implementos e práticas litúrgicas, entidades do panteon, discurso, expressões lingüísticas, idéias. Temos, assim, crenças como a teoria das “vibrações”, “pensamento positivo”, “corrente mística” (mãos dadas), o “karma”, o uso do tarô, quiromancia e bolas de cristal, material litúrgico vindo do Oriente, como os defumadores “da Índia”. Da mesma forma, entidades como os ciganos, Buda e/ou o Deus da Felicidade (não raro confundido com o primeiro), os “índianos”, vários deles concretizados em imagens. Bibliografia que de alguma forma aborda tais representações (onde se inclui a da “Nova Era) é abundantemente encontrada nas lojas de artigos de Umbanda, o que indica seu grau de consumo pelos adeptos dessas religiões. A abundância de determinado tipo de informações, na sociedade envolvente, é fator que por si só induz, por saturação, a incorporação de inovações rituais. Outro fator importante é a ausência, nessas religiões, de um *corpus* de doutrina escrito que permita maior uniformidade litúrgica, o que contribui igualmente para a invenção.

Esta condição de elasticidade provavelmente é um dos fatores importantes que contribuem para o fato de a Umbanda ser uma verdadeira esponja cultural, com alta capacidade de assimilar e metabolizar informações disponíveis no universo simbólico da formação social de cada momento histórico pelos quais passou: partiu de uma raiz banto e ao longo de seu trajeto incorpora elementos do Catolicismo, jêje-nagô, de um movimento literário, do espiritismo de Kardec, da parapsicologia e, nos últimos tempos, neste seu “eterno fazer e desfazer” sincrético (Negrão (1996: 38), do *Oriente*.

BIBLIOGRAFIA

- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo. Pioneira-EDUSP, 1961.
- CORRÊA, Norton F. *Sob o Signo da Ameaça: Poder, Conflito e Feitiçaria nas Religiões Afro-brasileiras*. São Paulo, PUC-SP, Tese de Doutorado, 1998.
- FERRETTI, MUNDICARMO. Rei da Turquia, o Ferrabrás de Alexandria? A importância de um livro na mitologia do Tambor de Mina. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org), *Meu sinal está no teu corpo* São Paulo, EDCON/EDUSP, 1989, p. 202-218.
- FERRETTI, MUNDICARMO. Repensando o Turco no Tambor de Mina. In: *Afro-Ásia*. Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, 1992, p. 56-70.
- FERRETTI, MUNDICARMO. *Desceu na guma: o caboclo no Tambor de Mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís, a Casa Fanti-Ashanti*. São Luís, SIOGE, 1993.
- SOARES, Danusa Ribeiro. *Prática religiosa afro-brasileira: Trajetória de vida e luta pela afirmação da identidade religiosa*. São Luís, Universidade Federal do Maranhão, monografia de conclusão do Curso de Ciências Sociais, 1999 (mimeo).
- CONCONE, Maria Helena Vilas Boas & Negrão, Lísias. “Umbanda, da Repressão à Cooptação: o envolvimento político-partidário da Umbanda paulista nas eleições de 1982. In. “Umbanda e Política”. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p. 43-79.
- CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. *Umbanda, uma Religião Brasileira*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/CER, 1987.

³ Já na década de 1960 o termo “corrente”, usado no sentido kardecista, apareceu numa música composta para uma Copa do Mundo: “... de repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão...”.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996

ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

TRINDADE, Liana Salvia. *Exu, Símbolo e Função*. FFLCH/USP-CER [Col. Religião e Sociedade Brasileira, vol. 2], 1985.